

PLANO DE CURSO PERÍODO EXCEPCIONAL 2020/2 (GRADUAÇÃO - ESCOLA DE TEATRO)

Disciplina: ATELIÊ DE MODELO REDUZIDO
ESPAÇOS UTÓPICOS | espaços (ainda) não existentes | espaços imaginários
Objetos | dispositivos | máquinas (aparentemente) inúteis

Código: ACG0074	Turma: A	Nº de vagas: 15	Carga horária: ⁽¹⁾ 100%(PRÁTICA) = 60h
------------------------	-----------------	------------------------	--

Curso(s) Atendido(s): Bacharelado em Cenografia e Indumentária

Docente: ⁽²⁾ Doris Rollemberg

Matrícula SIAPE: ⁽²⁾ 2168157

E-mail institucional da docente: doris.cruz@unirio.br

Cronograma: 12 aulas, sendo uma (1) aula por semana.

> Atividades Síncronas às segundas-feiras, das 16:00 às 18:00 horas.

Metodologia:

ESPAÇOS UTÓPICOS | espaços (ainda) não existentes | espaços imaginários
Objetos | dispositivos | máquinas (aparentemente) inúteis

Locus solus: espaços utópicos para outro t(T)eatro¹ (e também para outros projetos)

“(…) no mundo do teatro (…) há um segredo bem guardado: o de que, quando tudo termina, os autores, os responsáveis por tantas palavras continuam vivendo ali, permanecem no teatro e suas palavras continuam vivendo além do momento em que foram ditas.”²

Vila-Matas

A disciplina propõe projetaremos espaços não existentes, muito diversos daqueles que conhecemos.

¹ - Trabalho com a diferenciação proposta por Peter Brook entre Teatro com t maiúsculo e teatro com t minúsculo. Segundo o encenador, Teatro é o ato teatral e teatro é um espaço físico. Cf. Peter Brook. *A porta aberta*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, p. 78.

Não é minha proposta no curso produzir um pensamento crítico a respeito dos projetos arquitetônicos dos espaços teatrais existentes. O que interessa é a reflexão sobre os espaços idealmente construídos, e solitariamente habitados pelos cenógrafos no espaço-tempo do seu processo de criação. A minha proposta é pensar sobre os subjetivos *locus solus* como um exercício de utopia.

² - VILA-MATAS, Enrique. O mal de Montano. São Paulo, Cosac Naify, 2005. p.254.

Projetos utópicos nos quais estão previstos a implantação de algum espaço semelhante aos subjetivos *campos* nos quais, solitariamente, nos instalamos para pensar.

Uma vez situados nesses idealizados espaços, continuaríamos a repercutir sobre a forma cênica para além do momento da sua realização. Reafirmando a inesgotável reflexão sobre a obra, o que pode ser comparável a um desenho que pode ser redesenhado continuamente.

Assim sendo, não são apenas as palavras que *continuam vivendo no mundo do teatro para além do momento em que foram ditas*. A cena e a cenografia continuam existindo, e ecoando nos seus 'responsáveis' criativos, e igualmente nos espectadores.

Ambas as proposições (o segmento projetual e a reflexão sobre obras pré-existentes ou não) partem do mesmo conceito: projetam a construção de *locus solus*.

Uma das propostas será pensarmos um teatro extremamente diverso dos existentes, e no qual, conseqüentemente, faríamos, e vivenciariamos outra cena. Outro Teatro.

O espaço sugerido pelo utópico teatro edifica o *locus solus*. E partir dessa outra ótica, instalados nesses idealizados espaços previstos nesse outro t(T)eatro, processar ou reprocessar os pensamentos que perduram para além do tempo-espaço da cena.

Pensaremos sobre espaços que faltam nos teatros, como passagens secretas, por exemplo. Mesmo que o projeto pertença ao universo utópico. Será uma bela provocação que fomentaria, de forma lúdica, a discussão a respeito dos projetos arquitetônicos para os espaços teatrais no tempo presente.

Obviamente que pensar sobre o espaço teatral nos conduz a pensarmos sobre a relação cena-espectador, e conseqüentemente sobre cenografia.

"Mas chega um momento em que a gente já não pode com tanto engano e se cansa da tramoia midiática e que conhecer a verdade. Então, tentando se aproximar mais dessa verdade, a gente se dirige ao fundo do cenário e, como se fosse o mesmíssimo Kafka, corta a lona, passa entre os panos de um céu pintado e por cima de uns escombros e foge para a ruela real, úmida, escura e estreita, que por sua proximidade com o teatro segue se chamando rua do Teatro, mas que é verdadeira e possui toda a profundidade da verdade."³

Vila-Matas

O espectador não precisa atravessar a cena, rasgar o falso céu passando por cima dos escombros da cena para conhecer a *verdade*, mesmo que seja para visualizar um recorte dessa *verdade*. Nesse idealizado teatro, é oferecido ao público a oportunidade de entrar em outra dimensão de uma cidade imaginária, e ainda assim, uma *cidade mais verdadeira* porque é vista do teatro.

A *cenografia como o lugar do espectador*, ideia que defendi no doutorado, ganha com o projeto de espaços utópicos uma bela 'concretização'. Na tese, propus que o cenógrafo mude de lugar no ato de projetar, olhando de dentro da cena e, principalmente, se colocando no lugar do espectador. Agora cogito a possibilidade de ceder ao espectador o lugar do cenógrafo.

O curso projeta uma inversão do meu conceito: enquanto na tese recomendo que o cenógrafo adquira a perspectiva do espectador, o *espaço utópico* propõe que o espectador adquira a ótica do cenógrafo.

Luminosa utopia. Uma sensível proposta para outro t(t)eatro, mas também para projetarmos outros espaços (ainda) não existentes.

Projetaremos outros espaços inexistentes, idealizados, utópicos, incluindo também como proposta para o curso aqueles espaços e/o dispositivos-objetos que apresentem aparente inutilidade,

³ -VILA-MATAS, Enrique. Doutor Pasavento. São Paulo, Cosac Naify, 2009. p.388.

mas que escondem mecanismos ou situações nas quais apenas o seu autor conhece. O que para outros poderia ser considerado como inúteis.

Nessa paralela posposição da disciplina, o autor da obra é o único a habitar (e a utilizar) esse espaço. É o singular usuário que sabe como funciona o seu objeto – máquina (ou como fazer funcionar esse objeto- dispositivo).

Para tal, passaremos por diversos exercícios projetuais:

- Dispositivos - máquinas vistas em *Locus solus* de Raymond Roussel e em *Na colônia Penal* de Kafka;
- Objetos / dispositivos inúteis (desnecessários; supérfluos; estéreis; escusados; impotentes; ineficazes, imprestáveis;
- Objetos /espaços que apresentem aparente inutilidade, mas que escondem mecanismos ou situações que a apenas o seu autor conhece;
- Espaços (ainda) inexistentes;
- Espaços utópicos – idealizados;
- Espaços sem utilização – em Bruno Taut (1880 – 1938);
- frestas, passagens secretas; nesgas/ desvios; desvão; vão; lacuna;
- futuras paisagens.

Atividade projetual desenvolvida por meios da representação gráfica e volumétrica (modelos reduzidos). Paralelamente desenvolveremos a criação de livro -escrita auto-ficção /caderno de memória projetual.

Avaliação: A avaliação será assíncrona e feita pelo somatório do conjunto dos exercícios desenvolvidos e apresentados pelos estudantes ao longo do curso.

Ferramentas digitais previstas: **Google Classroom**

Bibliografia:

- CASTANHEIRA, José Manuel. O Tempo das Cerejas, Manual de sobrevivência de um cenógrafo. Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas S.A. Casal de Cambra, 2016.
- KREMEIER, Jarl e FREIGANG, Christian in *Teoria da arquitetura do Renascimento aos nossos dias*. Diversos autores. Tradução portuguesa: Maria do Rosário Paiva Boléo, Lisboa. Taschen, Köln, 2006.
- VILA-MATA, Henrique. O mal de Montano. São Paulo, Cosac & Naify. 2005.
- VILA-MATA, Henrique. Doutor Pasavento. São Paulo, Cosac & Naify. 2009.
- ROUSSEL, Raymond. Locus Solus. Desterro, Cultura e Barbárie, 2013.

Catálogo

Objetos inúteis. Renato Valle / desenhos e pinturas. Texto de Edna Lúcia Cunha Lima. Espaço Cultural Mauro Mota, INDEC, Recife, 1996.

¹ Discriminar carga horária teórica e prática quando houver.

² Criar novas linhas quando mais de um docente estiver envolvido.